



DL-01

Ses. Esp. 03/04/08

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a Sessão Especial em homenagem ao grande jurista, político, jornalista, literato e professor, Dr. Luiz Viana Filho, pelo transcurso do seu centenário de nascimento, proposta pelo deputado Reinaldo Braga.

Convido, para compor a Mesa: o Exmº Sr. Chefe de Gabinete, Dr. Fernando Schmitt, representando o governador do Estado da Bahia, Sr. Jaques Wagner (palmas); o Exmº Sr. Deputado Reinaldo Braga, proponente da sessão (palmas); o Exmº Sr. Luiz Viana Neto, representante da família do Dr. Luiz Viana Filho (palmas); a Exmª Srª Presidenta do Tribunal Regional Eleitoral, Desembargadora Lícia de Castro Laranjeira Carvalho (palmas); o Exmº Sr. Presidente do Tribunal de Contas do Estado, conselheiro Manoel Castro (palmas); a Srª Presidenta do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, professora Consuelo Pondé de Sena (palmas); o Sr. Professor Valdir Freitas Oliveira, representante do presidente da Academia de Letras, professor Edvaldo Boaventura (palmas); o Exmº Sr. Dr. Antônio Imbassahy, ex-presidente da Assembléia e ex-governador do Estado (palmas); o Exmº Sr. Dr. Roberto Santos, ex-governador do Estado da Bahia e acadêmico (Palmas).

Ouviremos a cantora Ana Paula Barreiro, com a música Bachianas Brasileiras nº 5, de Villa-Lobos.

(Apresentação da cantora.)

(Palmas).

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Gostaria de registrar as presenças dos Srs. Deputados: Gildásio Penedo Filho, Líder da Oposição nesta Casa; Nelson Leal, Álvaro Gomes e Getúlio Ubiratan.



3831-II

Ses. Esp. 03/04/08

Or. Reinaldo Braga

Transcurso do centenário de nascimento do Dr. Luiz Viana Filho.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra o nobre deputado Reinaldo Braga, proponente desta sessão.

O Sr. REINALDO BRAGA:- Exmº Sr. Presidente da Assembléia Legislativa, deputado Marcelo Nilo; Exmº Sr. Chefe de gabinete, representante da família do Dr. Luiz Viana Filho; Exmª Srª Presidente do Tribunal Regional Eleitoral, Drª Lícia de Castro Laranjeira Carvalho; Exmº Sr. Presidente do Tribunal de Contas do Estado, conselheiro Manoel Castro; Srª Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, professora Consuelo Pondé de Senna; Sr. Professor Waldir Freitas Oliveira, representante do presidente da Academia de Letras da Bahia, professor Edvaldo Boaventura; Exmº Sr. Dr. Antônio Imbassahy, ex-presidente desta Casa e ex-governador do Estado; Exmº Sr. Dr. Roberto Santos, ex-governador do Estado da Bahia e ex-ministro.

(Lê): “Senhoras e senhores:

Permitam-me e perdoem-me, nesta sessão especial da Assembléia Legislativa em que se comemora o centenário de nascimento de Luiz Viana Filho e se presta homenagem à sua vida, a ousadia e a impropriedade de começar com uma referência à sua morte. Na véspera, dia 4 de junho, o ex-governador Roberto Santos, já com seu nome definido para concorrer ao governo do Estado pelo PMDB, telefonou para mim, convidando-me para uma conversa em particular, o que veio a ocorrer das 21 horas à meia-noite daquele dia.

Ele me deu uma sugestão, pedindo que a transmitisse ao senador Luiz Viana Filho, que estava viajando. Contou-me que o então governador Nilo Coelho queria indicar um ex-prefeito para integrar a chapa como candidato a vice-governador, justificando que, havendo ele próprio sido prefeito de Guanambi e presidente da UPB – hoje, União dos Municípios da Bahia –, queria prestar uma homenagem aos ex-prefeitos.



Roberto Santos propunha que o senador Luiz Viana Filho reivindicasse a indicação do candidato a vice-governador para um membro do seu grupo político e o fizesse recorrendo ao nome de um ex-prefeito, que, segundo sugeriu, poderia ser o meu, pois antes de eleger-me deputado fui prefeito de Xique-Xique.

Voltei para casa e na madrugada fui acordado por um telefonema de Luiz Viana Queiroz: “Reinaldo, aconteceu o pior. Meu avô morreu. Em São Paulo”.

Jesus Cristo disse que “a morte vem como um ladrão”. E foi assim que ela veio para Luiz Viana Filho, de surpresa e de madrugada, em 5 de junho de 1990.

O meu desafio agora é traçar um panorama sobre uma vida tão rica como a do senador Luiz Viana Filho, pela contribuição como jornalista, professor de Direito e, principalmente, como político, administrador e escritor, que deu à Nação brasileira e ao povo da Bahia, e que por sua conduta como homem público e como indivíduo, certamente está hoje em bom lugar, seja do “outro lado”, seja na consciência e no coração da sociedade brasileira e do povo baiano. Na história política e cultural do Brasil e da Bahia tem reservado importante e confortável espaço.

Muitos, mais qualificados do que eu, já disseram ou escreveram sobre Luiz Viana Filho, sua personalidade e sua obra, nesta comemoração do seu centenário de nascimento, completado em 28 de março, nas homenagens prestadas no Senado da República e na Reitoria da Universidade Federal da Bahia e em ocasiões anteriores.

Certamente mencionarei desta tribuna coisas que já foram ditas ou escritas sobre ele. Não posso nem tenho o direito de fugir delas, ao menos de mencionar algumas das principais, pelo significado e relevância que têm, pelas lições e pelo exemplo que encerram.

Mas antes gostaria de evocar alguns aspectos que, como político, liderado e amigo, testemunhei, ou de que sabemos, e que delineiam, mesmo apenas em parte, a personalidade de Luiz Viana Filho.



Se seu pai, o conselheiro Luiz Viana, já trazia no título que acompanha seu nome a vocação de aconselhar, seu filho a trazia na alma. Sua vasta experiência e cultura lhe permitiam dar conselhos extremamente aguçados e oportunos, e ele se comprazia em fazê-lo.

(Lê) “Tinha sempre o conselho certo na hora certa ou para a situação certa. Os que faziam política com ele ou privaram de sua amizade se beneficiaram disto. A mim, os que recebi muito me foram úteis, terão sido também a outros políticos como revelou Antonio Carlos Magalhães na sessão em que assumiu a presidência do Senado Federal. No discurso que fez, disse que era uma grande honra para ele ocupar a presidência da Casa – e do Congresso –, lembrando que no passado um outro ilustre baiano já ocupara o mesmo posto, “Luiz Viana Filho, com quem muito aprendi política”, “e ensinei também”, arrematou, para não ficar em segundo plano, como era do seu estilo.

Dele recebi muitas lições e conselhos. Dentre eles, um, quando fui eleito prefeito de Xique-Xique em novembro de 1976, numa eleição dura, acirrada. Encontrando-o em Salvador pela primeira vez após a posse, em conversa, ele me advertiu: “Aprenda uma coisa: o maior inimigo do administrador é o tempo, não o seu adversário político por mais ferrenho que ele seja. Esqueça isso e se preocupe com o tempo, ele não perdoa e sempre estará contra você”.

Logo depois de minha renúncia ao cargo de Prefeito de Xique-Xique, em 1982, para concorrer a uma vaga nesta Casa Legislativa, a seu convite, também vim a Salvador visitar Luiz Viana Filho. Ele, que já havia sido governador, deve ter percebido meu estado de espírito, pois perguntou: “Como está se sentindo?”. “Estou-me sentindo com as mãos cortadas”, respondi e ele de pronto disse: “Atadas?”. Retruquei: “Não, cortadas mesmo. Se estivessem atadas, o senhor, com o prestígio e a força que tem, brinquei, poderia desatá-las agora, mas estão cortadas, não há como reparar, a renúncia é irrevogável”. Ele sorriu bastante e reproduzia esta frase em outras ocasiões, em conversas políticas.

Dizia ele também que todo governador, ao chegar à sede do governo, ouve o toque de uma corneta anunciando a sua chegada e a sua saída, e acrescentou: “No primeiro ano isso



aborreço, incomoda. Nos anos seguintes a gente acostuma. Quando sai do governo, sente saudade, muita saudade”.

Em outra ocasião, disse-me que ficou feliz quando, alguns meses após deixar o governo, ao caminhar pelas ruas de Salvador, foi cumprimentado com muito entusiasmo e afeto por diversas pessoas que o reconheceram e o parabenizaram pelo governo que fez. Isso o confortou bastante, segredou-me.

Lembro-me bem de um conselho que recebi do senador Luiz Viana Filho, em relação às audiências que temos, os deputados, com os governadores: “Ouça, disse ele, numa audiência você tem que ser objetivo, tem que ver o que você quer mesmo. Se você reivindica três pleitos, por exemplo, uma estrada, um prédio escolar e a nomeação do subdelegado de polícia de um distrito, o governador pode lhe atender no pleito de menor importância e nos outros, não. E você não pode dizer que não foi atendido. Por isso, veja o que é realmente importante e peça uma coisa só”.

Permitam-me lembrar, ainda, mais outras situações ou acontecimentos dos quais participou o líder e amigo.

Em 1988, na sucessão de Mário Kertész na prefeitura de Salvador, a imprensa noticiava amplamente que o candidato apoiado pelo governo Waldir Pires do PMDB seria Virgildásio Senna do PSDB. A imprensa foi saber a posição de Luiz Viana Filho, que respondeu: “Eu voto no candidato do meu partido.” Era o PMDB. Setores do governo Waldir Pires retrucavam, afirmando que quem não votasse no candidato do governo estaria contra o governo.

Por conta dessa situação, surgiu dentro do governo um movimento para a entrega dos cargos de secretários estaduais. A maioria do secretariado aquiesceu, colocando os cargos à disposição em documento oficial. Eu, Secretário de Agricultura, não o fiz. Passados alguns dias, Luiz Vianna Neto me telefonou, cobrando minha posição em relação à entrega do cargo. Liguei para o senador Luiz Viana Filho, em busca de orientação, que me perguntou:

– O governador lhe pediu o cargo?

– Não!– respondi.



– Então esqueça. – sentenciou. E realmente o assunto foi esquecido!

Simpático, cordial, afável, experiente e culto, Luiz Viana Filho tinha uma conversa muito agradável. E toda conversa dele era ilustrada com um exemplo, um caso, uma explicação.

No período que antecedeu a eleição presidencial de 1989, numa conversa telefônica com o senador, de Brasília, ele me perguntou como eu estava vendo a questão presidencial na Bahia, já que o seu partido, o PMDB, tinha Ulisses Guimarães como pré-candidato. Respondi: ‘Aqui em Salvador, pouco se fala na sucessão, mas eu liguei para o Eloy Barbosa Guedes – um velho amigo e chefe político de Santa Rita de Cássia – e ele me disse que lá só se fala em um tal de Collor’. O senador achou graça e passou isso para a frente, em muitas conversas com parlamentares. Para ele, a informação vinda de uma pequena cidade do interior era um sinal de alerta que não podia ser negligenciado. Ficavam aí mais uma vez confirmados seu gosto pelo ‘caso’, pelo exemplo, e sua refinada percepção política.

Lembro-me de que, entre os anos de 1985/1986, especulava-se quem seria o candidato governista à sucessão de João Durval. Vários nomes eram lembrados, inclusive o do Ministro Antonio Carlos Magalhães. Luiz Viana Filho percebeu o quadro, e me disse: ‘Olha, o candidato não vai ser o Antonio nem o Luiz Eduardo. O Antonio pode ter muitos defeitos, mas é inteligente e competente, no dia que ele entrar numa disputa eleitoral para governador do estado, será porque tem a eleição assegurada, e esta é uma eleição perdida, ele sabe disso’. O candidato foi Josaphat Marinho, que perdeu para Waldir Pires por uma grande diferença de votos.

Em outra ocasião, ele me disse: ‘Reinaldo, em política você nunca vota a favor de alguém, você vota sempre contra alguém’. Isto explicava seu apoio a Waldir Pires, ex-exilado político do regime militar. Em outras palavras, ele estava votando contra ACM, à época seu adversário.

O senador Luiz Viana Filho pensava a política em termos grandes, tanto em nível estadual quanto em nível nacional, mas não se descuidava dos pequenos detalhes que lhe



asseguravam o suporte para os altos vôos que alçou neste ramo, talvez o mais intenso” – ao lado da dedicação à cultura e produção literária – “de suas múltiplas atividades públicas.

‘Cada caso é um caso’. Ele se utilizava muito desta frase junto aos governadores que o sucederam, quando da distribuição dos cargos políticos nos municípios, um sistema resistente a mudanças ante os costumes políticos da Bahia e mesmo do Brasil e que ainda perduram, com lenta e difícil evolução. Eram estabelecidos critérios para a distribuição, levando-se em conta o número de votos de cada deputado estadual ou federal no município.

Luiz Viana Filho aceitava os critérios, em tese. Mas quando se tratava de certos municípios, a exemplo de Xique-Xique, Casa Nova, Serrinha, Campo Formoso e Juazeiro nos quais ele tinha ou teve deputados filhos do lugar ligados ao seu grupo político, aí ele estrilava, sustentando que os critérios não valiam para estes casos, porque ‘cada caso é um caso’. E, geralmente, os governadores aceitavam sua ‘argumentação’ – inclusive Antonio Carlos Magalhães, que sempre comentava sobre esta frase e a repetia em algumas reuniões de bancada. ‘As regras são essas, mas, como dizia Luiz Viana, não é Reinaldo, cada caso é um caso’.

A ironia era uma das muitas facetas da personalidade de Luiz Viana Filho e ele a esgrimia sem maldade, mas com graça e, às vezes, não sem uma certa malícia. Podia apenas completar uma afirmação, um comentário, podia também ter um objetivo importante e bem definido. Bom exemplo deste último caso envolveu a candidatura do ex-prefeito de Salvador, Clériston Andrade, ao governo baiano.

Nas preliminares da eleição de 1982, Antonio Carlos Magalhães, na pujança de sua força política, queria que Clériston Andrade o sucedesse. Luiz Viana Filho pensava de modo diferente. Não por qualquer restrição ou malquerença ao homem íntegro e gentil que Clériston foi, mas porque não se tratava de um político com habilidade para o diálogo, o entendimento, a composição e a recomposição, elementos essenciais neste setor da atividade humana. Mas o senador não dizia que era contra. Preferiu sair repetindo, inclusive à imprensa, quando lhe perguntavam, que ‘o nome a ser escolhido tem que ser bom de voto’. Notória se tornou essa



declaração até que, numa entrevista coletiva, veio a pergunta inevitável, creio mesmo que esperada e desejada:

– Dr. Luiz, tudo está caminhando para o nome de Clériston. O Clériston é bom de voto?

O ex-prefeito de Salvador era pastor evangélico. E a resposta de Luiz Viana Filho veio pronta, instantânea, sem hesitação:

– Eu sei que ele é devoto.

Acabou, no entanto, apoiando Clériston Andrade, pelas injunções da política baiana e por causa da situação criada pelo chamado ‘Pacote de Abril’, que estabelecia a vinculação geral de votos, sem a qual o voto seria nulo. O senador, estava inserido em um quadro em que a vinculação o deixou sem alternativa.

Outro exemplo de fina ironia com boa pontaria nos foi lembrado pelo colunista político e presidente da ABI, Samuel Celestino, um dos protagonistas do caso, na sua coluna do último domingo, em *A Tarde*. Jornalista iniciante, mas já destacado pelo jornal em que trabalhava na época para fazer a cobertura do governo, estava presente nas entrevistas coletivas do então governador Luiz Viana Filho. Cheio das ideologias de esquerda predominantes no meio estudantil daquele tempo, tentava, com perguntas direcionadas, induzir o governador a responder o que ele desejava. Não conseguia, mas não desistia. Numa ocasião, porém, o governador contra-atacou, ante uma pergunta desse tipo. Fez um breve silêncio, pôs a mão no queixo naquele gesto característico de quando pensava, ganhou a atenção máxima dos jornalistas presentes e então disparou:

– Samuel, você é um jovem engraçado. Você faz as perguntas e você mesmo as responde.

O jornalista contou que depois disso nunca mais tentou induzir Luiz Viana Filho a dar as respostas que ele desejava ouvir.

Durante o seu mandato de governador da Bahia e ainda por muitos anos, até sua morte, Luiz Viana Filho formou e manteve em torno de si um grupo de políticos,



especialmente parlamentares, que respaldava e dos quais, naturalmente, recebia respaldo para sua ação política em nosso estado. Os integrantes do grupo eram, como ficaram conhecidos, os *vianistas*. Talvez pela seleção feita pelo líder antes que fossem convidados a integrar o grupo, talvez por influência posterior dele, mas quase certamente pelas duas coisas, tinham um estilo próprio de atuação na vida pública, caracterizado pela honestidade, a discrição, a habilidade de operar para ocupar e preservar espaços políticos, sem estridência e sem criar atritos maiores e, sobretudo, irreversíveis.

Fui, com muita honra, um *vianista*. Perdi o líder, mas conservei o estilo, a maneira de atuar. Guardadas as proporções, evidentemente, os *vianistas* pareciam atender à recomendação que Jesus fizera a seus apóstolos, certamente válida para todos os que o seguissem em qualquer tempo – “Sede mansos como a pomba e prudentes como a serpente”. Também poderiam ser assemelhados aos alquimistas, segundo uma música bem conhecida: “discretos e silenciosos”. Além de, como também eram de fato os alquimistas na sua faina, hábeis no trabalho político, excelentes observadores, zelosos de seus segredos.

Difícil, quase impossível, sempre foi a qualquer político ou jornalista extrair de um *vianista* qualquer informação ou declaração que ele não estivesse realmente desejoso de oferecer, coisa, aliás, muito rara. E, se ocorria uma conversa entre vianistas e havia em alguma área entre eles interesses conflitantes, seria uma delícia a qualquer curioso o que escutaria, se pudesse. Se um chegava a dar um toque indireto (direto, nunca) sobre os interesses conflitantes, outro respondia com algo sobre televisão e um terceiro logo falava na seca que atingia o sertão ou na cheia do rio São Francisco. E, então, aquele que dera o toque indireto sobre os interesses conflitantes retorquia com um comentário incolor, inodoro e insípido sobre o último BA-VI.

Fora do grupo, ninguém entenderia nada, mas os *vianistas* entendiam muito bem – a conversa era desconexa porque devia ser desconexa. Cada um saía dela como entrara – nenhum acréscimo, nenhuma perda. Tudo na mais perfeita paz.



As decisões político-eleitorais de Luiz Viana Filho eram muito observadas na Bahia. “O candidato que ele apóia sempre vence as eleições”, diziam. Muitos políticos, segundo comentários correntes, só tomavam posição de apoio aos candidatos a governador e senador depois das decisões do senador Luiz Viana Filho. Uma dificuldade para os que assim procediam era a de que, às vezes, o senador protelava suas decisões ao máximo, talvez para poder fazer uma avaliação mais completa, talvez para valorizar mais ainda o seu apoio, talvez pelos dois motivos. E assim deixava muita gente aflita.

Falando nesta sessão especial da Assembléia Legislativa, uma Casa política, procurei até aqui acrescentar algumas pinceladas ao cotidiano da ação política do homenageado. Mas, como já antes assinalado, devo abordar outras facetas, mesmo já bem conhecidas e exaltadas da vida de Luiz Viana Filho. Não me preocuparei com a ordem cronológica.

De sua atividade no âmbito da cultura, que o fascinava, prefiro que discorram, como têm feito, pessoas mais qualificadas para isso. Apenas menciono sua passagem pelo jornalismo, no Diário da Bahia, e como articulista do jornal **A Tarde**, passagem que terá contribuído para acabar seu namoro com a Medicina e conduzi-lo à Faculdade de Direito da Bahia.

Aí, foi presidente do Centro Acadêmico Ruy Barbosa, uma iniciação na política, junto com sua passagem pelo jornalismo. Bacharel, integrou o escritório de advocacia de Aliomar Baleeiro e Peçanha Martins e mais tarde seria um dos criadores da Revista de Cultura Jurídica. Conquistaria em concurso, em 1940, a cátedra de Direito Internacional Privado, na mesma Faculdade em que estudara, vencendo, com o concorrente com uma tese sobre “A Condição Jurídica do Estrangeiro” Antes, já ensinara aí Direito Internacional Público, em 1933.

Em 1932, Luiz Viana Filho já escrevera, com Aliomar Baleeiro, o livro “O Direito dos Empregados no Comércio” e, em 1936, foi editado seu segundo livro, “A Língua do



Brasil”, uma coletânea de seus pronunciamentos sobre o nosso idioma na Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados. Em 1938, o terceiro, “A Sabinada”.

Mas dá o seu primeiro grande passo como biógrafo ao publicar, em 1941, “A Vida de Ruy Barbosa”. Depois, em meio e até por causa de uma polêmica sobre este livro, publicou “A Verdade na Biografia”. Veio em seguida sua segunda incursão histórica, com o livro “O negro na Bahia”. Produz em 1949 “Ruy e Nabuco”, pondo os dois em paralelo. E, se Ruy já lhe merecera um livro, em 1952 Luiz Viana publica “A Vida de Joaquim Nabuco”.

O êxito deste livro levou o levou a candidatar-se a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Em 1943, já obtivera na Academia de Letras da Bahia a cadeira cujo patrono é Gregório de Matos. Em 1959, com “A Vida do Barão do Rio Branco”, Luiz Viana Filho completa a trilogia iniciada há 18 anos e que contempla “os três maiores estadistas das últimas décadas do Império e primeiras da República”, como observa apropriadamente Luiz Navarro de Brito. O livro obtém aplausos gerais, mas destaco o comentário de Carlos Lacerda, ele próprio um político e literato: “A leitura do Sr. Luiz Viana Filho devia ser obrigatória para homens públicos, de vereadores em diante”.

Não era, no entanto, o fim do trabalho biográfico. Ao contrário, no auge de sua carreira política, ele entrega para publicação “A Vida de Machado de Assis”. E, em 1975, outro livro importante, “O governo Castello Branco”. E cumpre citar ainda “Petroquímica e Industrialização da Bahia”, um livro-documento sobre o tema, compreendendo seu período de governo em nosso Estado.

Na sua carreira política formal, Luiz Viana Filho dá seu primeiro passo ao preparar-se para a disputa de uma cadeira de deputado estadual. Mas a Revolução de 1930 aborta a candidatura. De início, confia na Revolução e em Getúlio, mas com o tempo passa a desconfiar e em 1932 é co-autor e signatário do Manifesto da Liga de Ação Social e Política, no qual se afirma o apoio da Bahia à Revolução Constitucionalista que eclodiu naquele ano em São Paulo. Foi preso no dia 21 de agosto na enfermaria da Penitenciária do Estado. E no dia 23 liberado para ficar em prisão domiciliar, sob palavra. No ano seguinte, alinhou-se com o



“autonomismo” e candidatou-se à uma cadeira de constituinte. Foi o mais votado em Salvador, mas não eleito. Em 1934, no entanto, elege-se deputado federal, assumindo no ano seguinte. Era, de todos, o deputado mais jovem. Ficou até 1937, quando, em 10 de novembro, ao desembarcar no Rio de Janeiro, procedente de Salvador, recebeu a notícia de que Getúlio Vargas dera o seu golpe de estado, dissolvera o Congresso e outorgara ao país uma nova “Constituição”, a do Estado Novo.

Com a queda de Getúlio em 1945, foi convocada uma Assembléia Nacional Constituinte. Para ela, foi eleito pela União Democrática Nacional – UDN. Ativo nos debates e apresentação de emendas, foi responsável, juntamente com Jorge Amado, pelo artigo 203 da Carta, determinando que “nenhum imposto gravará diretamente os direitos de autor, nem a remuneração de professores e jornalistas”. Visava a estimular a produção cultural, a educação e a independência financeira dos jornalistas, fator a ser levado em conta na questão da liberdade de imprensa. Infelizmente, a norma constitucional não é a mesma hoje nem existe mais essa compreensão por parte do Estado brasileiro.

Promulgada a Constituição e transformada a Constituinte em Assembléia ordinária, Luiz Viana Filho, sem descuidar das grandes questões nacionais e baianas, voltou sua atenção e dedicação à região do São Francisco, onde várias cidades haviam sido a base política de seu pai, que desde 1872 representara na Assembléia provincial as cidades de Barra, Juazeiro, Xique-Xique, Santa Maria da Vitória e outras da mesma região.

Em 1964 continuava na Câmara dos Deputados, na sua quinta legislatura sucessiva, quando foi convidado três vezes pelo presidente Castello Branco para a chefia da Casa Civil da Presidência da República. Aceitou na terceira tentativa presidencial. Sairia do cargo, deixando em seu lugar Luiz Navarro de Britto, para candidatar-se ao governo da Bahia, onde a Assembléia Legislativa o elegeu. Além da UDN e do PL, com a dissolução dos antigos partidos pelo Ato Institucional número 2, ingressou sucessivamente na Arena, no PDS e finalmente no PMDB. Foi senador e presidente do Senado e do Congresso Nacional.



Durante seu governo na Bahia, enfrentou situações difíceis, decorrentes dos desvios de rumo do regime instaurado em 1964. Episódios nos quais confirmou sua estatura de estadista já demonstrada quando na chefia da Casa Civil da Presidência. Pressões militares irresistíveis e próximas do absurdo o levaram a aceitar que Navarro de Britto deixasse a Secretaria da Educação, ele que havia por vários meses chefiado a Casa Civil no governo Castello Branco. Mas quanto ao ex-ministro Oliveira Brito – que ocupou no seu governo a Secretaria das Minas e Energia – rejeitou todas as pressões e o manteve no cargo, na esperança de que isto evitasse a suspensão de seus direitos políticos por dez anos. No entanto, a barreira não foi suficiente e o secretário foi finalmente atingido.

Envolvido com a problemática baiana, não perdeu de vista, no entanto, o panorama político nacional. Liderou uma ampla campanha de 'Pacificação Nacional', que a conjuntura político-militar, infelizmente, não favoreceu. Mas ainda em princípios de 1971, 'com igual convicção com que em 1931 reclamara uma Constituinte', como assinala o ensaio biográfico produzido por Navarro de Britto, insistia na tese do retorno a um estado democrático de direito. Afirmava, então, Luiz Viana Filho, que a Revolução de 1964 realizou 'obra excepcional, seja no setor econômico-financeiro, com o gradativo saneamento da moeda, seja no campo administrativo', mas faltava-lhe dar 'ao povo brasileiro a institucionalização de um regime democrático, principal razão do movimento deflagrado em 31 de março de 1964'.

Luiz Viana cuidou com afinco dos problemas da Bahia, que via há muito estagnada em seu desenvolvimento e necessitada de uma profunda mudança em sua matriz econômica, de modo a deter e até reverter o aprofundamento do fosso que a separava de outros centros, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro. O caminho principal para isto era a industrialização, que exigia um esforço para a implantação da infra-estrutura indispensável.

Assim, decidiu pela implantação do Centro Industrial de Aratu, criado pelo governador Lomanto Júnior nos seus últimos dias de mandato, e passou a oferecer, às indústrias que ali se instalassem, incentivos complementares àqueles oferecidos pela Sudene para a região Nordeste do país. A resposta foi estimulante.



Mas o grande salto foi a conquista – e a palavra é adequada, porque difícil, equivalente a uma vitória decisiva numa guerra – da implantação do Pólo Petroquímico. Uma conquista obtida em persistente trabalho junto ao governo do presidente Médici e para a qual foi importante o apoio recebido do então presidente da Petrobrás, general Ernesto Geisel. Estarão sempre na história econômica da Bahia os discursos do governador Luiz Viana Filho e do presidente Médici, em maio de 1970, quando este, da sacada do Palácio Rio Branco, anunciou ao povo que lotava a Praça Municipal a decisão pela implantação do Pólo Petroquímico de Camaçari.

Estava ali definida, mesmo ao arrepio do empresariado paulista – que trabalhava pela alternativa da ampliação da indústria petroquímica já instalada naquele Estado –, a profunda e desejada mudança na matriz econômica da Bahia. Não que isto dispensasse muito esforço e luta posteriores para a atração de indústrias privadas, para a vitória sobre resistências remanescentes, a preparação da infra-estrutura local, trabalho que se prolongou pelos dois governos posteriores, de Antonio Carlos Magalhães e Roberto Santos.

Ainda neste momento, passados tantos anos, a petroquímica baiana precisa da vigilância, audácia, habilidade e agilidade do governo do Estado e do apoio da sociedade baiana para fazer frente à competição agressiva conduzida neste setor por outros Estados. Foi-nos dada a oportunidade, nós a concretizamos, não podemos deixar agora que se desfaça.

Além da concretização do CIA e da conquista do Pólo Petroquímico, o governo de Luiz Viana Filho fez um importante trabalho no setor de transportes. Neste, sua obra maior foi a construção da BR-242 no seu trecho baiano e sua pavimentação até Ibotirama, às margens do rio São Francisco. Tão relevante é esta rodovia que foi considerada prioridade pelo Estado-Maior das Forças Armadas, por seu valor econômico, estratégico e social.

E para não deixar que a União protelasse por anos sua execução, Luiz Viana Filho assumiu o encargo de construir a rodovia federal com recursos do Estado e empréstimo obtido em organismo financeiro internacional. Ela estabeleceu a ligação rodoviária da capital da Bahia com a capital do Brasil, o Oeste e o Centro-Sul do país e desencadeou em toda a sua



área de influência e especialmente no Oeste baiano uma erupção de desenvolvimento que se desdobra até hoje. Uma outra obra de destaque no mesmo setor foi a implantação do sistema *ferry-boat*, com grandes repercussões econômicas e sociais.

Industrialização, transportes, urbanismo e Educação e Cultura foram – anota Navarro de Britto – seus quatro grandes campos de batalha. No urbanismo, destaca-se a remodelagem do sistema viário de Salvador, empreendida pela prefeitura sob o comando de Antonio Carlos Magalhães, que Luiz Viana Filho nomeou prefeito da capital, criando as condições para o rápido crescimento da cidade, já então sufocada por um sistema viário nas cumeadas e necessitando das avenidas de vale.

Na Educação e Cultura, os números de seu governo falam por si. Em carta ao presidente Médiçi, quando este assumiu e na qual expôs seu trabalho e seus planos para a Bahia, Luiz Vianna Filho cita muitos desses números. Não os repetirei todos. Mas destaco que, no ensino primário, encontrou um número de matrículas descendente e um “deficit real de escolaridade” da ordem de 58 por cento, equivalentes a 458 mil crianças sem escola. A prioridade dada ao setor ampliou em 200 por cento, nos dois primeiros anos de governo, a média anual de salas de aula construídas, considerado o quadriênio anterior, atingindo índice de “quase duas salas de aula por dia de governo”. No ensino médio, durante idêntico período, foram criadas 31 mil novas vagas na rede pública, representando um incremento de 139 por cento em relação ao quadriênio anterior.

Há que registrar também a criação da Universidade do Sul do Estado, quatro Faculdades de Educação para formação de professores do primeiro grau do ensino médio, de uma Escola Superior de Educação Física, equipamento e ampliação da Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco, a criação e implantação do sistema de Centros Integrados de Educação – antecipando-se à legislação federal – e do sistema de Ginásio Orientado para o Trabalho.

E precisa ser citada ainda, já no setor de cultura, a formulação de um sistema estadual de bibliotecas, renovando as existentes, introduzindo nas unidades educacionais



núcleos para uso dos estudantes, criando um conjunto de bibliotecas ambulantes e construindo a Biblioteca Central, nos Barris, com dimensões amplas, instalações e equipamentos modernos para a conservação e utilização dos livros e capacidade para conter mais de um milhão de volumes. Alguns a consideram grande demais. É um erro. O provimento de livros é que deve ser incrementado, ganhando os espaços hoje usados pelo Estado para outras atividades.

Mas devo encerrar este discurso. Não sem antes declarar meu apoio à idéia de construção de um monumento a Luiz Viana Filho na grande avenida que tem o seu nome, em Salvador. E não sem antes agradecer a presença e a generosa atenção de todos. Lembro que estou aqui apenas prestando uma humilde e sincera homenagem ao líder e inesquecível homem público que tanto me honrou com sua amizade, não para descrever sua vida ou sua obra de governo na Bahia. Fosse para estas coisas e este modesto discurso se assemelharia ao que ele dizia sobre a política, numa frase que Luiz Viana Neto muito gostava de repetir: “Política é como conversa de namorados: não acaba nunca”.

O discurso acabou. Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



3832-II

Ses. Esp. 03/04/08

Or. Waldir Freitas

Transcurso do centenário de nascimento do Dr. Luiz Viana Filho.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Com a palavra o Sr. Waldir Freitas, representante da Academia de Letras da Bahia.

O Sr. WALDIR FREITAS:- Boa tarde a todos.

Exmo. Sr. Dr. Marcelo Nilo, presidente da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, sou portador de um abraço carinhoso do meu filho que se formou na mesma turma de V. Ex^a na Universidade Federal da Bahia, seu xará, Marcelo Ribeiro de Freitas Oliveira.

Exmo. Sr. Deputado Reinaldo Braga, que nos brindou com uma bela oração sobre a personalidade de Dr. Luiz Vianna, demais membros da Mesa, querendo ressaltar a satisfação que tenho de ver nela integrados três ex-alunos: Imbassahy, meu aluno na Escola Nova, de Suzana Imbassahy, na Ladeira da Barra Avenida; Fernando Schmidt, meu aluno no Ginásio Sofia Costa Pinto; Manoel Castro, meu aluno da Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA. Quero me referir também, com especial destaque, para os meus confrades na Academia de Letras da Bahia, pela qual estou aqui a falar.

Na Mesa, vejo meu amigo e confrade Dr. Roberto Santos, a professora Consuelo Pondé, enquanto no Plenário vejo o ex-presidente da Academia de Letras da Bahia, professor Cláudio veiga, o professor Luiz Henrique Dias Tavares, Tavares, a professora Ana Amélia Nascimento e o grande amigo monsenhor Gaspar Sadoc.

Pode ser que a minha vista não tenha localizado outros que aqui estejam presentes, não me referi em especial a outros membros da Mesa, mas quero que todos os demais a que não me referi pessoalmente se considerem como citados e referidos nesta fala, que faço de improviso, porque estou aqui na condição de vice-presidente da Academia de Letras da Bahia impossibilitado que está, no momento, o Sr. Presidente, professor Edvaldo Boaventura, de aqui estar presente.



Peço, portanto, desculpas ao auditório por não ter trazido nada escrito, estar aqui apenas a improvisar. Começo, então, louvando a Assembléia Legislativa do Estado pela realização desta comemoração. Louvem-se todas as sociedades que insistem em conservar na memória a lembrança dos seus filhos ilustres.

Luiz Viana Filho bem merece esta homenagem, tanto quanto o autor a quem ele escolheu, dentre outros, para fazer a biografia, o eternamente baiano Ruy Barbosa.

Louvem-se, porque aprendi nos compêndios de história que houve épocas em certos países, como no Egito antigo, em que os novos faraós mandavam apagar dos monumentos os nomes dos faraós que os tinham antecedido.

Li, também nos compêndios que ação idêntica foi realizada na União Soviética, quando o grande estadista Stalin cometeu o mesmo erro, mandando apagar dos livros os nomes daqueles que a ele tinham se oposto ideologicamente.

Não aceito revisões nem julgamentos do passado. Vivo o presente, aprendo com o passado para poder realizar um melhor futuro. Não me deterei em analisar cada um dos atos praticados por Luiz Viana Filho durante a sua vida. Cada momento da vida de uma pessoa tem que ser avaliado em função do momento em que esse momento foi vivido. Não há possibilidade de se fazer uma avaliação de alguém no seu conjunto, mas terá que ser avaliado o que cada um pratica em determinado instante de sua vida.

Tive, quando escrevi a biografia de um dos mais ilustres filhos baianos, Aloísio de Carvalho Filho, dificuldade para explicar por que no fim da sua vida, quando houve a revolução militar e surgiram dois partidos, um deles do governo, sempre exposto e pronto a vencer, a Arena, Aloísio de Carvalho Filho escolheu a Arena. Depois, compreendi que não tinha o direito de fazer esse julgamento, pois ele teria motivos bastante fortes para agir do jeito que agiu. Apenas não poderia perguntar a uma pessoa que já havia falecido a razão dos seus atos, apenas mencionei sem fazer nenhum tipo de avaliação. Então, se algum ato durante a vida e a ação política de Luiz Viana Filho pode merecer dos mais mesquinhos qualquer ressalva, essa pessoa estará agindo de uma maneira imprópria, indevida e injusta.



Acho que todos nós morremos duas vezes: a primeira vez fisicamente, quando todos os nossos esforços vitais se tornam inúteis e o corpo se define; a segunda vez, e dessa vez definitivamente, quando somos esquecidos. E, quando somos esquecidos, a morte é mais cruel do que a morte física.

Olho para o passado e recorro a uma quantidade enorme de pessoas das quais poucos se lembrarão. Da mesa onde estava sentado olhando o auditório, pude perceber, sem saudade e sem lamúrias, que sou um dos mais velhos aqui presentes. Do alto dos meus 80 anos, relembro muitas pessoas que passaram e foram esquecidas. Essa morte pelo esquecimento é dolorosa, no entanto, quando vejo a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia lembrar, com toda essa força, com todo esse empenho, a memória de Luiz Viana Filho, fico agradecido em nome da Academia de Letras da Bahia por esse gesto, porque vejo que ele não morreu, ao contrário, continua vivo.

A morte física é um acidente, a morte por esquecimento é uma fatalidade. De uma se pode apenas ter saudade; da outra nem saudade se tem, porque não nos lembraremos de quem poderá tê-la.

Geralmente, considera-se morte e silêncio como palavras sinônimas. Quando se quer fazer uma alegoria qualquer para a morte, fala-se em silêncio. É dessa segunda morte, a morte pelo esquecimento, que vem o silêncio. Mas temos todos nós que ter o cuidado, a vontade de revolver o silêncio, porque ele não é mudo, o silêncio fala, o silêncio do passado é algo que nós temos que aprender a escutar, porque somente com as lições do passado poderemos construir um futuro digno para qualquer país, para qualquer comunidade, para qualquer vida individual.

Nós nascemos para aprender, e a cada momento que se passa o passado enriquece e enriquece o nosso presente e nos propicia uma melhora para o futuro.

Então, desta homenagem a homens ilustres, como foi Luiz Viana, homens ilustres como foi Ruy Babosa, a lição que recebemos é uma lição que nos ajuda a ser melhores do que somos, compreendendo a sua ação, compreendendo o quanto colaboraram para que sejamos o



que somos hoje e quanto a sua lembrança, enquanto estiver sendo cuidada, servirá para que possamos construir, cada vez melhor, o que ainda virá para nós.

Eu agradeço profundamente à Assembléia Legislativa do Estado da Bahia este gesto, comemorando, tão dignamente, o centenário de Luiz Viana Filho. Congratulo-me com os seus familiares, pelos quais tenho especial estima, por haver convivido com eles em salas de aulas como colegas e professores. Congratulo-me com todos que aqui estão presentes, consolidando este gesto de amor demonstrado pela Assembléia Legislativa.

E, para que as minhas palavras não se tornem palavras vãs que o vento carrega, não se tornem marcas na areia que a maré chega e dissolve, quero fazer uma proposição. Quero ter a ousadia, permitam-me os senhores deputados, de uma proposta. Nós estaremos, daqui a alguns minutos, a lançar um livro, em reedição, escrito por Luiz Viana Filho e eu gostaria que esta Assembléia Legislativa, que vem reeditando em convênio com a Academia de Letras da Bahia outras obras, amplie a sua ação no sentido de se criar na Bahia, através de um projeto do Legislativo, uma grande editora, porque não é possível que da fronteira de Minas para baixo, de Minas para o Rio Grande do Sul, estejam funcionando mais de 200 editoras, enquanto na Bahia temos, talvez, uma ou duas, todas duas de âmbito muito restrito.

E se alguém me perguntar sobre as possibilidades econômicas, financeiras para se instalar uma editora na Bahia eu devo apenas lembrar, como sugestão, que já dois estados da federação, o Paraná e o Rio Grande do Sul decidiram, que no fabuloso, fabulosamente rico Programa Didático Nacional, em que milhares de exemplares de cada livro são editados para distribuição gratuita por todas as escolas públicas do Brasil, que se crie um projeto de lei no qual se determine que ao menos 50% dos livros didáticos distribuídos nas escolas públicas deste Estado sejam escritos por baianos e editados na Bahia. (Palmas)

Essa é uma solução prática. Aproveito esta sessão para dizer isso – até ousadamente, tendo em vista que talvez não seja um momento oportuno –, lembrando que o professor Luiz Viana Filho foi um dos mais prolíferos escritores brasileiros. E dentro da Academia de Letras da Bahia, foi, talvez, aquele que maior número de títulos publicou em escala nacional.



Ao falar isso, trago a lembrança de que essa proposta não é apenas um desejo vão, mas somente a repetição de dois momentos históricos que a Bahia teve, quando aqui eram editadas publicações que eram distribuídas e comercializadas no Brasil inteiro. Um desses momentos foi no começo do século, quando existia a Livraria Catilina; outro, no meado do século passado, com a figura exemplar de Manuel Pinto de Aguiar, com a Editora Livraria Progresso.

Antes de finalizar, quero pedir minhas desculpas por haver excedido meu dever de simplesmente aqui chegar e dar uma palavra de agradecimento e de louvação. Sei agradecer, sei louvar, mas, mais do que agradecer e do que louvar, sempre fui e continuarei sendo até o fim de minha vida um homem de ação.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



3833-II

Ses. Esp. 03/04/08

Or. Luiz Viana Neto

Transcurso do centenário de nascimento do Dr. Luiz Viana Filho.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Convido o Sr. Luiz Viana Neto para falar em nome da família.

O Sr. LUIZ VIANA NETO:- Sr. Marcelo Nilo, presidente da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, autoridades presentes, saúdo todas, por temor de omissão, na figura do representante do governador do Estado, Dr. Fernando Schmidt, Srs. Deputados, Sr^{as} Deputadas, minhas senhoras, meus senhores, no seu primoroso e laborioso discurso, o deputado Reinaldo Braga, meu velho amigo, não deixou espaço para que eu falasse sobre meu pai. Ele, com suas belas palavras, cobriu o universo da personalidade política e da personalidade humana de Luiz Viana Filho.

Nem por isso devo deixar de manifestar o meu agradecimento à Assembléia Legislativa do Estado, Casa que abriga a alma política da Bahia, por esta homenagem pelo transcurso do centenário de Luiz Viana Filho, que foi um dos grandes políticos da Bahia.

Meu pai, durante 40 anos dos seus 82 anos superiormente vividos, foi representante do povo da Bahia, seja na Câmara dos Deputados, seja no Senado Federal. Portanto, nos é sumamente gratificante que, hoje, a Casa do Povo da Bahia venha lhe tributar essa homenagem.

Olhando no retrovisor do tempo, constato que, eleito deputado federal por seis legislaturas, eleito e reeleito senador, ele, que foi monógamo no casamento, também foi monógamo na política. Os amigos que o elegeram em 1934 foram os mesmos que o elegeram em 1962, nas mesmas cidades, com as mesmas lideranças, quando não as mesmas, algumas que receberam o bastão de seus antepassados. E aqui está um deles, deputado Reinaldo Braga. Meu pai foi votado em Xique-Xique, em 1933, por José Pellegrino de Souza, o velho Cazuzu,



que passou o bastão a um parente seu, Reinaldo Braga, que até o final da vida de meu pai o acompanhou e foi liderado por ele.

É extraordinário que meu pai tenha conseguido toda essa trajetória. Eleito por seis mandatos consecutivos sem jamais estar acolitado pelo dinheiro. O que ele tinha eram serviços prestados. O seu dia-a-dia era servir aos seus amigos. E tanto tratava dos assuntos maiores e superiores da política como cuidava dos assuntos menores, mas que ele sabia que, para seus amigos, eram de grande importância. Uma diretora escolar, um juiz de paz, um delegado de polícia, por eles se batia com o mesmo empenho com que se bateu, posteriormente, para grandes conquistas do desenvolvimento da Bahia. Isso foi que fez com que a fidelidade fosse retribuída com fidelidade e que seus amigos fossem sempre seus amigos. Não tenho lembrança de ex-amigos de Luiz Viana Filho. Todos foram seus amigos e continuaram seus amigos até a morte.

Meu pai tinha facetas extraordinárias e surpreendentes. E nenhuma me terá mais surpreendido do que a sua competência como governador. Meu pai, quando assumiu o governo do Estado, nunca havia administrado nada, absolutamente nada. A sua vida transcorreria entre os livros e os pleitos dos seus amigos políticos e, no entanto, realizou um dos governos mais férteis de que a Bahia tem notícia. É que ele supriu a falta de experiência com a sua inteligência privilegiada, com sua acuidade, e pôde ver que o que ele não sabia precisava buscar nos seus auxiliares. Por isso, formou um secretariado de jovens. Orgulhava-se em dizer: “No meu governo, só eu posso ter cabelos brancos. Fui secretário com 33 anos. Muitos dos meus colegas eram mais jovens que eu e, certamente, mais eficientes. Alguns, absolutamente desconhecidos, mas que se revelaram da maior competência administrativa.

Embora tenha erigido como pilares do seu governo a educação e a industrialização – a educação sob o lema: “Educar para crescer, e não crescer para educar” – e a industrialização que culminaria com a implantação do Pólo Petroquímico... Mas em todos os outros setores, a rodovia 242, que atravessou, cortou a Bahia de Leste a Oeste, integrando a região, hoje, mais rica da agricultura baiana; na educação, com os ginásios polivalentes; no saneamento,



colocando água em Feira, Itabuna, Jequié, Conquista, em todas as grandes cidades do Estado. Ele partiu para grandes conquistas e, sem dúvida nenhuma, a maior de todas foi o Pólo Petroquímico.

Um dia, ele dirigiu-se ao presidente da Petrobras, então eleito, mas ainda não empossado governador da Bahia, procurou o presidente Ernesto Geisel e disse:

“A Petrobras tem que recompensar a Bahia pelo petróleo.”

Naquela época, o petróleo da Bahia representava 90% do petróleo brasileiro, ao que o general que queria ser presidente respondeu:

“Viana, por que em vez de algumas estradas que você está querendo no Recôncavo baiano não implantamos um pólo petroquímico?”

E aí nasceu a idéia do Pólo Petroquímico baiano. Só que ele não tinha idéia das dificuldades que haveria de encontrar, das resistências que haveria de encontrar, resistências tais que quando realizou as primeiras reuniões no Rio de Janeiro, tendo como auxiliares Ângelo Sá e Boris Tabacof, ele não conseguia sequer que a imprensa do Sul e Sudeste publicassem como matéria paga a realização das reuniões.

E foi enfrentando tais resistências que se justificam nesse adágio: o homem perdoa quem lhe mata o pai, mas não perdoa quem lhe toma o dinheiro. O Sudeste rico não queria abrir mão de nada para o sofrido e empobrecido Nordeste. Não obstante a resistência dos auxiliares do presidente da República, o então General Emílio Médici, o presidente tomou a si a resolução de definir a implantação do Pólo Petroquímico da Bahia. Numa das audiências entre o governador e o presidente, o presidente declarou:

“Dr. Viana, rico não quer que o pobre coma, mas eu vou implantar o Pólo Petroquímico da Bahia.”

E aqui veio em julho de 1970, como assinalou Reinaldo Braga, numa memorável concentração pública na Praça Municipal, comunicando à Bahia que seria implantado o 2º Pólo Petroquímico do Brasil. E o dilema que havia na época, ou duplicava-se o Pólo de São



Paulo ou abria-se um novo pólo, que seria no Nordeste, e nesse caso na Bahia onde havia o gás natural, que era matéria-prima. E essa decisão transformou a cara da Bahia, transformou a economia da Bahia, hoje o funcionalismo está tranqüilo sabendo que no dia certo será creditado o seu salário, quando em outros tempo ficavam a depender das oscilações do preço do cacau.

Essa terá sido a maior vitória e a maior alegria de meu pai como governador, e fez questão de escrever um livro sobre essa luta *A Industrialização e o Pólo Petroquímico da Bahia*, como se fosse uma certidão de nascimento e um atestado de paternidade do Pólo Petroquímico de Camaçari. Esta figura extraordinária, cuja personalidade encantadora, há pouco Reinaldo revelou, cometendo talvez apenas um equívoco, que este dizia a meu pai e disse-me ele a mim no dia em que renunciou à prefeitura de Chique-Chique. Quando jantávamos, eu perguntei como ele se sentia e ele disse: como se tivesse amputado os braços. Revelando o seu gosto pela política, fazendo política com entusiasmo e com alma. E por isso, desde então representa o povo da região do São Francisco nesta Casa, da qual inclusive já foi presidente.

Minhas senhoras e meus senhores, é para nós muito honroso, nós familiares de Luiz Viana Filho, pelo transcurso do seu centenário, a Bahia ainda dele se lembrar, a Bahia e o Brasil. Na semana passada, foi no Senado Federal, há alguns dias foram entidades representativas do universo cultural e político do Brasil que o homenagearam na Reitoria da Universidade do Brasil.

Que ele continue lembrado, que seu exemplo continue exaltado, para que possamos mais uma vez dizer que Luiz Viana Filho viveu e morreu sob unânime respeito de toda a Nação.

Muito obrigado.(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 03/04/08

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Ouviremos a cantora Ana Paula Barreiro, com a música Concerto para uma voz.

(Apresentação da cantora.)

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Em nome do Poder Legislativo, gostaria de agradecer a presença de todos, autoridades civis, militares e eclesiásticas aqui presentes nesta sessão especial de 100 anos do nascimento do saudoso ex-senador, ex-ministro, ex-deputado e ex-governador Luiz Viana Filho, a que tive o prazer de conhecer em 1973, eu, estudante de vestibular, vindo do interior do Estado.

Fui apresentado a ele pelo saudoso deputado Honorato Viana, em quem tive o prazer de votar por duas vezes. Os dois primeiros votos. Naquela oportunidade, o saudoso Luiz Viana, quando a ele fui apresentado, me disse: você vai fazer vestibular para quê? Respondi: vou fazer para Engenharia Civil. Ele disse: Não vai ser um trampolim para ser deputado posteriormente?

Os dois continuaram conversando, e eu me lembro de uma frase perfeita quando o deputado Honorato Viana dizia a Luiz Viana Filho que um prefeito do interior do Estado, da cidade tal, o traíra. Ele disse: Honorato, você com esses cabelos brancos, já lhe disse, prefeito, quando nós estamos na oposição, só irmão, cunhado ou filho, e quando nós estamos no governo, qualquer um serve. Então isso para mim não é surpresa.

Para essa figura fantástica de quem o deputado Reinaldo Braga relatou a trajetória, tenho o prazer e a honra de presidir esta sessão especial neste dia tão importante para a Bahia. Antes de encerrar, gostaria de convidar a todos para o lançamento do livro: A vida de Ruy Barbosa, por Luiz Viana Filho, uma co-edição da Assembléia Legislativa e Academia de Letras da Bahia. O lançamento será no saguão do Plenário.



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

Está encerrada a sessão.